

IMPERADOR DE ROMA MARY BEARD

TRADUÇÃO

José Remelhe

CRÍTICA

ÍNDICE

As personagens principais	9
Mapas	12
Bem-vindos	17
Prólogo: jantar com Heliogábalo	21
1 Poder de um homem só: princípios básicos	42
2 Quem se segue? A arte da sucessão.	71
3 Banquetes de poder.	94
4 O que há num palácio.	129
5 Residentes do palácio: o imperador na sua corte	173
6 A trabalhar.	213
7 Folga?	245
8 Imperadores no estrangeiro.	276
9 Frente a frente	309
10 «Acho que estou a tornar-me um deus».	349
Epílogo: o fim de uma era.	373
 O que há num nome?	 383
Bibliografia complementar e lugares a visitar	386
Lista de ilustrações.	424
Cronologia	432
Agradecimentos.	437
Índice remissivo.	439

AS PERSONAGENS PRINCIPAIS

DINASTIA JÚLIO-CLAUDIANA



JÚLIO CÉSAR, depois de derrotar Pompeu, o *Grande*, tornou-se *dictador* de Roma em 48 a. C.; assassinado em 44 a. C.



AUGUSTO (Octávio), filho adotivo de Júlio César. Depois de derrotar Antônio e Cleópatra em 31 a. C., tornou-se único regente até 14 d. C. Segunda mulher, **LÍVIA**.



TIBÉRIO, filho biológico de Livia e filho adotivo de Augusto, governou de 14 a 37 d. C. Há rumores de uma implicação de Calígula na sua morte.



CALÍGULA (Caio), bisneto de Augusto, governou de 37 a 41. Assassinado por membros da sua guarda.



CLÁUDIO, sobrinho de Tibério, governou de 41 a 54. Terceira mulher, **MESSALINA**; quarta mulher, **AGRIPINA** (*a Jovem*) – pela qual terá sido assassinado.



NERO, filho biológico de Agripina, filho adotivo de Cláudio. Governou de 54 a 68. Forçado ao suicídio depois de insurreições no exército.

GUERRA CIVIL 68-69 d. C.

Três imperadores no poder separados apenas por meses: **GALBA**, **OTÃO** e **VITÉLIO**.

DINASTIA FLAVIANA



VESPASIANO, vencedor da guerra civil. Governou de 69 a 79.



TITO, filho biológico de Vespasiano. Governou de 79 a 81. Domiciano terá estado implicado na sua morte.



DOMICIANO, filho biológico de Vespasiano. Governou de 81 a 96. Assassinado durante um golpe no palácio.

OS IMPERADORES «ADOTIVOS» – DINASTIA ANTONINA



NERVA, escolhido pelo Senado. Governou de 96 a 98.



TRAJANO, filho adotivo de Nerva, de origem hispânica. Governou de 98 a 117. Mulher, **PLOTINA**.



ADRIANO, filho adotivo de Trajano, de origem hispânica. Governou de 117 a 138. Mulher, **SABINA**.



ANTONINO PIO, filho adotivo de Adriano. Governou de 138 a 161. Mulher, **FAUSTINA (a Velha)**.



MARCO AURÉLIO, filho adotivo de Antonino Pio. Governou de 161 a 180. Mulher, **FAUSTINA (a Jovem)**.



LÚCIO VERO, filho adotivo de Antonino Pio. Corregente com Marco Aurélio, 161-169. Morre de peste (embora haja rumores de ter sido envenenado pela sogra).



CÓMODO, filho biológico de Marco Aurélio e Faustina. Governou de 180 a 192 (e de 177 em conjunto com Marco Aurélio). Assassinado durante um golpe palaciano.

GUERRA CIVIL 193

Quatro imperadores temporários ou usurpadores: **PERTINAX**, **DÍDIO JULIANO**, **CLÓDIO ALBINO**, **PESCÊNIO NÍGER**.

DINASTIA SEVERIANA



SÉTIMO SEVERO, vencedor da guerra civil, de origem norte-africana. Governou de 193 a 211. Segunda mulher, **JÚLIA DOMNA**, de origem síria.



CARACALA, filho biológico de Sétimo Severo e Júlia Domna. Governou de 211 a 217 (em conjunto com Sétimo e Geta). Assassinado em campanha militar.



GETA, filho biológico de Sétimo Severo e Júlia Domna. Corregente com o pai e o irmão, 209 a 211. Assassinado por ordem de Caracala.



MACRINO, da ordem equestre, subiu ao poder depois do assassinio de Caracala. Governou de 217 a 218. Derrubado por apoiantes de Heliogábalo.



HELIOGÁBALO, sobrinho-neto de Júlia Domna, de origem síria. Governou de 218 a 222. Assassinado pela sua guarda.

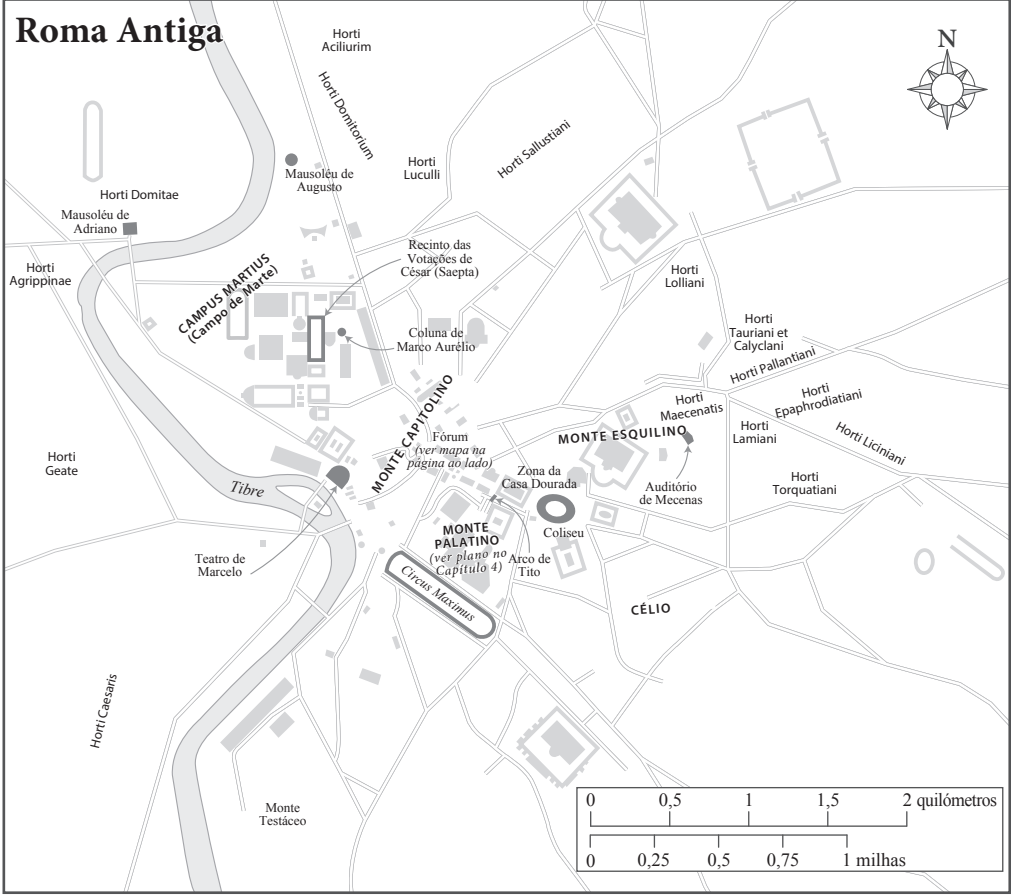


ALEXANDRE SEVERO, primo e filho adotivo de Heliogábalo, de origem síria. Governou de 222 a 235. Assassinado em campanha militar.

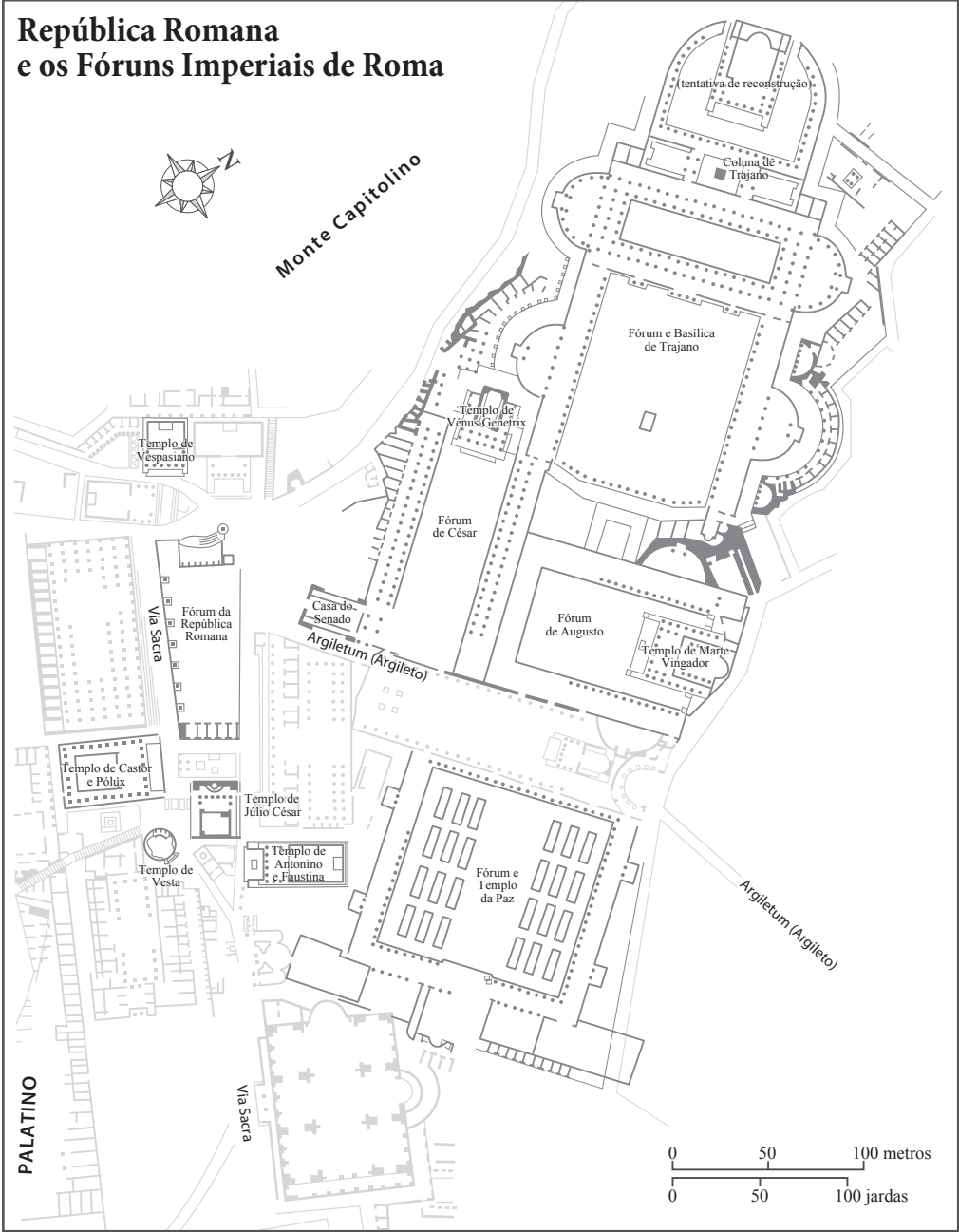








República Romana e os Fóruns Imperiais de Roma



BEM-VINDOS...

ao mundo dos imperadores romanos. Alguns, como Calígula e Nero, são, na atualidade, sinónimo de excesso, crueldade e sadismo fortuito. Alguns, como o «filósofo-imperador» Marco Aurélio, com as suas *Meditações*, continuam a ser *bestsellers* internacionais. Alguns são quase desconhecidos, mesmo entre os especialistas. Quem é que, hoje, reconhece Dídio Juliano, que, em 193 d. C., supostamente, terá comprado o seu lugar no trono durante algumas semanas, quando a guarda imperial leiloava o império à melhor oferta?

O livro *Imperador de Roma* explora o facto e a ficção destes soberanos do mundo romano antigo, questionando aquilo que fizeram, porque o fizeram e porque as suas histórias foram relatadas de modo extravagante e, por vezes, sórdido. Aborda temas importantes como o poder, a corrupção e a conspiração. Porém, foca-se também em aspetos práticos do seu quotidiano. O que comiam e onde? Com quem dormiam? Como viajavam?

Ao longo deste livro, conheceremos muitas pessoas que não foram, nem tiveram aspirações a ser, imperadores, mas que possibilitaram o sistema imperial: muitos aristocratas, cozinheiros feitos escravos, secretários diligentes, bobos da corte – até um médico que tratou a amigdalite do seu príncipe. Conheceremos, também, muitos homens e mulheres que apresentaram os seus problemas, graves e fúteis, ao homem no poder, desde heranças perdidas a bacios que caíram de janelas altas com consequências fatais.

Contudo, os meus cabeças de cartaz são os quase trinta imperadores, mais as suas companheiras, que governaram o Império Romano desde Júlio

César (assassinado em 44 a. C.) a Alexandre Severo (assassinado a 235 d. C.). Estes imperadores desempenharam um papel relativamente pequeno no meu primeiro livro, *SPQR – Uma História da Roma Antiga*, que conta a história do desenvolvimento de Roma ao longo de mil anos, desde o século VIII a. C. até ao século III d. C. Houve um bom motivo para isso. Assim que o sistema de poder de um homem só ficou bem estabelecido sob o domínio do primeiro imperador, Augusto, no século I a. C., não mudou muita coisa em grande escala ao longo de duzentos e cinquenta anos: o Império Romano praticamente não foi ampliado; a administração processou-se mais ou menos da mesma forma; e, na generalidade, a vida política na própria Roma seguiu igual padrão. Neste livro, pretendo trazer os imperadores para a ribalta. Não abordarei as respetivas carreiras uma a uma, nem me debruçarei muito sobre personagens como Dídio Juliano. E com certeza não espero que os leitores memorizem todos os soberanos. Ninguém o faz: como tal, para consulta, incluo um útil guia do alinhamento completo nas páginas 9-11. Pelo contrário, explorarei o *significado* de ser imperador romano. Farei algumas perguntas básicas sobre como deveras governaram o vasto território que se presume ter estado sob o seu controlo, como os seus súbditos interagiam com eles e se alguma vez recuperaremos a noção de estar sentado no trono.

O livro *Imperador de Roma* aborda menos psicopatas do que seria de esperar, com base na imagem mental que temos da Roma imperial. Não quero com isto negar que o mundo romano foi, em comparação com a nossa realidade, um lugar quase inimaginavelmente cruel de morte prematura. Já para não falar das centenas de milhares de vítimas inocentes da peste, guerras desnecessárias ou do colapso de estádios onde se praticava desporto, o assassinio era a derradeira forma de resolver disputas, de carácter político ou outro. «Os corredores do poder», bem como outros corredores mais humildes em Roma, sempre estiveram manchados de sangue. Porém, a sobrevivência do império enquanto sistema não faz sentido se tivesse sido governado por uma série de autocratas perturbados. O meu interesse recai mais sobre a maneira como essas histórias de loucura ganharam forma, sobre o modo como a gestão do império se processava na realidade e sobre os receios que os romanos tinham de que o governo dos imperadores não só fosse manchado de sangue (já estavam à espera disso), mas que fosse também uma estranha e inquietante distopia alicerçada no logro e na impostura.

Imperador de Roma

Nenhum reinado reflete melhor esses receios do que o de Heliogábalo, por vezes lembrado, mas habitualmente esquecido. É com ele que começamos o *Imperador de Roma*.

MARY BEARD, Cambridge, dezembro de 2022

PRÓLOGO

JANTAR COM HELIOGÁBALO

O anfitrião implacável

Heliogábalos foi um adolescente sírio que ocupou o cargo de imperador de Roma desde 218 d. C. até ser assassinado em 217. Foi também um memorável organizador de festas; extravagante, inventivo e, por vezes, sádico. As suas ementas, assim nos dizem escritores antigos, eram inventivas. Em certas ocasiões, os alimentos eram subordinados a temas de cores, todos verdes ou todos azuis. Noutras, incluíam acepipes exóticos – ou repugnantes –, mesmo pelos requintados padrões romanos (cascos de camelo ou miolos de flamingo, e os seus cães de estimação comiam *foie gras*). Por vezes, satisfazia o seu caprichoso sentido de humor sórdido, ou pueril, convidando comensais subordinados a temas: grupos de oito homens calvos, oito com um só olho ou com hérnias, ou oito homens muito gordos, que instigavam uma cruel gargalhada quando não cabiam todos no mesmo leito de refeições.

Os seus outros truques para festas incluíam almofadas que produziam o som de flatulência (as primeiras de que há registo na cultura ocidental), as quais se esvaziavam aos poucos debaixo dos convidados até estes acabarem no chão; alimentos falsos, de cera ou vidro, que eram servidos aos comensais menos importantes, que se viam obrigados a passar a noite com a barriga a dar horas enquanto viam os seus superiores a comer alimentos de verdade; e leões, leopardos e ursos domesticados a serem libertados no meio dos farristas enquanto estes dormiam para se livrarem dos excessos da noite anterior, revelando-se tal surpresa para alguns que, ao acordarem, morriam não de um ataque dos animais, mas de medo. Facto igualmente fatal, e que

estimulou a imaginação do pintor do século XIX Lawrence Alma-Tadema, Heliogábalo ficou famoso por, certa vez, oferecer aos convivas uma chuva de pétalas numa quantidade tão pródiga que provocou a morte deles por asfixia (Ext. 1).

Os atos censuráveis do imperador não se ficaram por estas táticas dúbias enquanto anfitrião. Ao que parece, estava tão comprometido na extravagância, que nunca usava o mesmo par de sapatos duas vezes (com sinistras semelhanças com Imelda Marcos, outrora «primeira-dama» das Filipinas que, alegadamente, contava com mais de três mil pares guardados nos seus armários). Além disso, num ato de perversa e dispendiosa ostentação, costumava encher os seus jardins de verão com neve e gelo das montanhas, sendo que só comia peixe quando estava a muitos quilómetros de distância do mar. Entretanto, consta que terá desprezado os preceitos religiosos ao



1. Busto de Heliogábalo em mármore. O jovem imperador, ainda adolescente, é retratado com patilhas compridas e um pequeno bigode, nada parecido com o monstro descrito nos relatos literários do seu reinado.

casar com uma Virgem Vestal, uma das sacerdotisas romanas mais augustas, obrigada a manter a virgindade ou a ser punida com a pena de morte. Outra transgressão religiosa, supostamente, terá iniciado uma revolução subversiva, ainda que efêmera, ao substituir Júpiter, como principal deus de Roma, por «Elagábalo» – que era o deus da sua terra natal de Êmeso, a atual Homs, na Síria, e em que teve origem o nome pelo qual o imperador é hoje quase universalmente conhecido (ficando mais no ouvido do que «Marco Aurélio Antonino», de acordo com uma versão do seu título oficial). Além disso, imprimiu o seu cunho nas normas tradicionais do sexo e do gênero. Várias histórias dão conta de travestismo, uso de maquilhagem e até mesmo a tentativa de mudança de sexo através de cirurgia. Um escritor coevo, Dião Cássio, autor de uma gigantesca história de Roma em oito volumes desde a sua origem até ao século III d. C., alegou que o imperador «pediu aos médicos para lhe darem órgãos genitais femininos por intermédio de uma incisão». No nosso tempo, já foi por vezes proclamado como pioneiro do transgênero, representando um radical desafio aos rígidos estereótipos binários. É provável que a maioria dos romanos tenha pensado que ele estava a virar o seu mundo do avesso.

Relatos antigos do seu reinado dedicam páginas e páginas a uma extravagante discriminação das enigmáticas excentricidades do imperador, das suas desconcertantes subversões e hediondas crueldades – incluindo, no topo de algumas dessas listas, o sacrifício humano de crianças. Estes relatos, e outros do mesmo gênero, são um dos focos do livro *Imperador de Roma*. Qual a sua origem? Em que medida eram do conhecimento dos habitantes comuns do Império Romano? Quem deu com a língua nos dentes, e porquê, sobre as festas de Heliogábalo? E, sejam ou não verdadeiras, o que é que essas histórias nos podem revelar sobre os imperadores romanos ou sobre os romanos em termos mais genéricos?

Imagens de autocracia, então e agora

Heliogábalo, ou «Heliogabalus», como também ficou conhecido, não é propriamente um nome famoso, embora as alegadas ações condenáveis (ou, se preferirmos, as suas tentativas desesperadas de ultrapassar as fronteiras da convenção romana) tenham servido de inspiração a escritores, ativistas e artistas contemporâneos, não se ficando por Alma-Tadema, e passando

por Edgar Allan Poe e Neil Gaiman até Anselm Kiefer. Os seus crimes e pequenos delitos são muito mais graves do que os dos alegados vilões imperiais romanos mais famosos e mais antigos: quer seja Nero, a tocar lira enquanto a cidade de Roma ardia; Domiciano, a matar as horas de tédio trespassando moscas com o seu estilete; ou, de finais do século II d. C., Cómodo, o anti-herói do filme *Gladiator*, a disparar aleatoriamente para o público no Coliseu com o seu arco e flecha. As histórias de terror sobre Heliogábalo são piores. Devemos levá-las muito a sério?

«Não muito» é a resposta habitual. Até o biógrafo romano de Heliogábalo, num texto redigido quase dois séculos depois da morte do imperador – e fonte dos pormenores mais sórdidos das partidas que pregava nas festas e extravagâncias gastronómicas –, admitiu que algumas das histórias implausíveis que acabara de relatar eram provavelmente inventadas, maquinadas depois do assassinio do imperador por pessoas que pretendiam cair nas boas graças do seu rival e sucessor ao trono. Historiadores atuais escrupulosos trilharam um caminho muito cuidadoso pelas inacreditáveis histórias. Tentam distinguir a ficção da realidade, extraindo ocasionalmente uma pedra preciosa de informação que parece ter algum apoio independente em qualquer outra parte (por exemplo, o facto de o nome da Virgem Vestal constar em moedas cunhadas no império de Heliogábalo sugere a existência de um laço entre os dois, mesmo que não matrimonial). Porém, aquilo que subsiste é, muitas vezes, não muito mais do que as datas do reinado e poucos mais dados básicos e simples. Ao mesmo tempo, alertam devidamente para a conotação preconceituosa que pode ser atribuída a atividades relativamente inocentes. A nossa atitude global para com o imperador seria bastante influenciada se os jantares com temas de cores fossem descritos como um luxo desprezível e egoísta, ou – conforme é igualmente possível – como uma forma de alta-cozinha deliciosamente refinada. Porém, o aspeto mais importante deverá ser a idade de Heliogábalo, que tinha apenas 14 anos quando subiu ao trono e 18 quando foi assassinado. Almofadas a produzir o som de flutuação, talvez; políticas religiosas calculadas, pouco provável.

Porém, um apuramento histórico sério não se pode limitar a dados básicos e simples. Estou a tentar lançar luz, de diferentes ângulos, sobre os imperadores romanos – quer sejam benevolentes estadistas mais velhos ou jovens tiranos, aspirantes a filósofos ou com pretensões a gladiadores, famosos ou caídos no esquecimento – e a tentar enfrentar questões tão básicas como porque tantos deles, como foi o caso de Heliogábalo, acabaram por ser

vítimas do punhal de assassinos ou de um cogumelo venenoso. Neste tipo de exploração, os exageros antigos, a ficção e a mentira desempenham um papel importante. A fantasia, os boatos, a calúnia e os mitos urbanos sempre integraram o jogo de ferramentas com o qual as pessoas constroem a imagem dos seus governantes, os julgam, debatem o caráter do poder de um autocrata e assinalam a distância entre «eles» e «nós».

Por exemplo, as histórias sobre os três mil pares de sapatos de Imelda Marcos (dos quais, de forma duvidosa, bastante menos alguma vez foram encontrados) servem mais para desacreditar um mundo de privilégio inimaginável e despropositado do que para documentar a paixão que uma mulher abastada tinha por calçado. A uma escala mais modesta, as histórias dos cães de raça corgi mimados da rainha Isabel II, que alegadamente comiam a sua comida de cão em recipientes de prata sólida, proporcionam-nos um termo de comparação entre a experiência da realeza e o nosso quotidiano, dando ensejo também a uma piada inofensiva sobre o disparate do flagrante desperdício no palácio.

As histórias inacreditáveis que inundam as descrições antigas do reinado de Heliogábalo, seja qual for a sua origem, providenciam algumas das evidências mais valiosas que existem sobre como os romanos imaginaram um imperador na sua pior versão. As inverdades e os flagrantes exageros funcionam quase como lupas ao expor e ampliar aquilo que pareceu «mau» em relação a um «mau» soberano romano. Parte pode ser evidente: os atos de crueldade e humilhação, desde os sacrifícios de crianças aos infelizes homens gordos ensanduichados num único leito de refeições; e o luxo injustificado (os cães de Heliogábalo comiam *foie gras*, ainda que não de recipientes de prata). Porém, as histórias aparentemente escandalosas das excentricidades do imperador encerram alguns horrores da autocracia – diferentes, mas igualmente medonhos.

O terror do poder sem limites é um deles. As curiosas histórias sobre a decisão de Heliogábalo de decorar os jardins de verão com gelo e neve, ou de comer marisco só quando estava longe do mar – ou, como reza outra história, de viver e trabalhar de noite e dormir de dia –, apontam para mais do que o seu egoísmo bizarro e dispendioso (a síndrome do «homem que tudo tem»). Levantam a questão de onde acaba o poder do imperador, apresentando-o como um soberano que tentou fazer com que a própria Natureza se subjugasse aos seus caprichos, perturbando a ordem natural das coisas (gelo no verão?) e reorganizando o tempo, o espaço e, já agora, as divisões

do sexo biológico a seu bel-prazer. Heliogábalo não foi o primeiro a suscitar estes medos. Duzentos e cinquenta anos antes, um dos críticos de Júlio César – o político, filósofo e intelectual do tempo da República, Marco Túlio Cícero – disse sombriamente que César forçara até as estrelas do céu a obedecer-lhe.

Porém, esse foi apenas um aspeto do mundo distópico de Heliogábalo. Foi também um pesadelo de logro, em que a verdade e a mentira se confundiram e baralharam repetidas vezes. Nada era o que parecia. A espetacular generosidade do imperador revelou-se letal – a sua bondade era capaz de, literalmente, matar (essa é uma mensagem da extravagante chuva de pétalas de rosas). E para aqueles que estavam no fundo da hierarquia, os alimentos de aspeto delicioso que tinham nos pratos durante os jantares no palácio acabavam por ser uma reprodução não comestível, ainda que fossem verdadeiras obras de arte. Por outro lado, as falsidades podiam transfigurar-se na realidade. Num estranho aparte, o biógrafo de Heliogábalo alega que, quando o adultério era representado em palco, o imperador insistia que fosse concretizado «de verdade». Sem dúvida que isso tornaria o espetáculo mais lúbrico, incluindo um número de sexo ao vivo. Porém, a lógica inquietante era que o imperador invertia a realidade e a ficção, criando um mundo às avessas no qual ninguém podia saber quem (ou o quê) estava a representar. Uma autocracia corrupta era só fumo e espelhos deformantes. Ou, como o resumiu o seu biógrafo romano, Heliogábalo teve uma «vida falsa».

Uma análise atenta a estas histórias ajuda-nos a ver com clareza as ansiedades que rodeavam a governação imperial em Roma. Era mais do que a capacidade para matar. Nada travava o poder do imperador. Ele pervertia os sentidos e prosperava num caos malevolente.

Uma história de imperadores

Pontualmente, retomarei o tema de Heliogábalo nas páginas seguintes, quanto mais não seja para explicar como um adolescente da Síria chegou a ocupar o trono imperial (uma resposta romana, como seria de esperar, aponta para as maquinações da mãe e da avó). Também retomarei o tema das fantasias (distópicas e outras) que rodearam a ancestral corte romana, passando a pente fino mais histórias extravagantes que os romanos contaram sobre os seus imperadores. Debruçar-me-ei sobre como os soberanos romanos

figuravam em piadas indecentes e paródias satíricas, bem como de histórias rebuscadas como as que são contadas sobre Heliogábalo. Inclusive, ficaremos a conhecer imperadores que aparecem sob diversas formas nos sonhos dos súbditos (o que nem sempre é bom sinal: «sonhar que se é imperador é presságio de morte para os doentes», como avisou um intérprete de sonhos no século II d. C.).

Contudo, estes relatos constituirão apenas uma parte do livro. Além dos «imperadores da imaginação», abordarei questões práticas sobre o quotidiano dos soberanos romanos, sobre a aresta viva da política, as exigências da proteção militar e a rotina, o ramerrão subjacente à governação de um vasto império, o que, muitas vezes, é ofuscado pelo clarão de todas aquelas histórias férteis de crueldade e ostentação. Abordarei a burocracia e a administração, o equilíbrio das contas, as contratações e os despedimentos. Até que ponto é que o imperador estava envolvido em todos estes aspetos? Quem eram os seus colaboradores e rede de apoio, desde mulheres e herdeiros, secretários e contabilistas, a cozinheiros e palhaços? E se tivesse apenas 14 anos?

Deparar-nos-emos com outro poderoso, mas muito diferente, estereótipo de comportamento imperial: o imperador romano não tanto como um perigoso libertino, mas como um diligente burocrata. Os dois tipos figurarão em *Imperador de Roma*.

Uma vida dedicada ao trabalho

Heliogábalo foi o vigésimo sexto imperador romano, mais ou menos (o seu lugar exato na ordem numérica depende dos usurpadores bem-sucedidos que decidamos contabilizar). Os imperadores sucederam-se, e muitos caíram no esquecimento. Alguns deixaram uma marca distintiva na cultura ocidental. Calígula (no trono entre 37 e 41 d. C.) ficou nos anais pela proposta de oferecer um cargo político de topo ao seu cavalo predileto; e Adriano (reinando entre 117 e 138) pela construção da sua «Muralha» que atravessava o norte de Inglaterra. Porém, não haverá muitas pessoas que tenham ouvido falar de Vitélio (notório glutão que governou durante alguns meses em 69), ou do disciplinador Pertinax (com uma governação igualmente efémera em 193), ou até mesmo de Heliogábalo. Nem todos foram recordados por muito tempo.

Estes homens (todos homens: o trono nunca foi ocupado por uma «impe-ratriz») governaram um vasto território que se estendia, no seu apogeu, da Escócia ao Saara, de Portugal ao Iraque, com uma população estimada, fora de Itália propriamente dita, na casa dos cinquenta milhões de pessoas. Os imperadores legislaram, travaram guerras, impuseram impostos, resolveram litígios, financiaram construções e entretenimento e inundaram o mundo romano com os seus retratos, da mesma forma que os rostos de ditadores contemporâneos são estampados aos milhares em cartazes. Possuíam e exploravam pessoalmente vastas extensões do império, desde explorações agrícolas a pântanos de papiro e minas de prata, e alguns fizeram grandes viagens para explorar e apreciar os seus territórios, não só em busca de glória militar e despojos de guerra. Na atualidade, os turistas juntam-se às portas da cidade de Luxor, no rio Nilo, para apreciar duas colossais estátuas egípcias antigas (que remontam a 1350 a. C.). Posicionam-se exatamente no mesmo sítio onde Adriano e o seu séquito se colocaram em 130 d. C., também durante uma viagem lúdica. O grupo do imperador deixou as suas reações elogiosas (sob a forma de poesia de composição especial) gravadas nas pernas de uma estátua: um «Eu estive aqui» ao estilo da elite romana (Fig. 64).

Não se sabe exatamente como é que o controlo do imperador se processava na prática. Além das unidades militares estacionadas em alguns locais de intensa atividade, havia apenas um reduzido número de administradores sénior, espalhado escassamente pela totalidade do império (se contarmos apenas o pessoal sénior, dava aproximadamente um para cerca de cada 330 mil habitantes). Assim, na sua maior parte, em comparação com alguns impérios contemporâneos, o controlo deveria ser bastante brando. E as vastas distâncias em causa, bem como o tempo – por vezes, vários meses – que seria preciso para levar informações básicas ou instruções desde o centro até algumas das partes mais remotas do mundo romano (e vice-versa), também teriam dificultado a microgestão quotidiana dos territórios imperiais. Dito isto, quanto mais próximo chegamos do imperador romano, mais atarefado o encontramos.

Escritores da Antiguidade aludem aos soberanos aparentemente enterados naquilo a que chamaríamos de «papelada» (nos seus termos, tábuas de cera e apontamentos em papiro). Consta que Júlio César, ao tratar da correspondência enquanto assistia às corridas, terá deixado o resto do público agastado por considerar o ato como um insulto à popular forma de entretenimento. Vespasiano, um dos afortunados imperadores a morrer na cama,

em 79 d. C., punha-se a pé antes do alvorecer para ler a correspondência e os relatórios oficiais. Ao que parece, Alexandre Severo, sucessor de Heliogábalo, estava tão aferrado ao trabalho, que mantinha um conjunto de registos militares nos seus aposentos privados para «analisar os orçamentos e os destacamentos do exército quando estava sozinho». Porém, a burocracia era apenas um aspeto. Esperava-se que os imperadores fossem acessíveis aos seus súbditos, em pessoa e em papel. A noção é resumida numa história sobre Adriano, segundo a qual este estava em viagem quando foi intercetado por uma mulher que queria pedir-lhe um favor. Quando lhe disse que não tinha tempo, ela retorquiu rispidamente: «Então, deixai de ser imperador», o que o levou a aceder ao pedido.

Há que encarar estas histórias com cuidado. É evidente que alguns imperadores trabalharam mais do que outros. Todos os sistemas de poder de um homem só possuem os seus diligentes Jorge VI (pai de Isabel II, um respeitador e discreto homem de família), bem como o extravagante Eduardo VII (com a sua fileira de amantes e obrigações negligenciadas). Nunca devemos, porém, presumir que os relatos de administrações não glamorosas são mais fidedignos do que as histórias de excesso glamoroso. Também estas têm uma faceta ideológica na reconstrução da imagem de um imperador perfeito. A história sobre Adriano e a mulher que o mandou parar é, na realidade, relatada quase de forma idêntica relativamente a alguns soberanos anteriores do mundo grego, o que sugere que espelha o antigo *cliché* do «bom monarca». Não obstante, alguns dos documentos mais extraordinários que nos chegaram da Roma Antiga reforçam essa imagem geral. Trata-se de registos de decisões tomadas por imperadores em resposta a pedidos, petições e apelos de ajuda dos súbditos pertencentes à plebe, ou de assembleias municipais vulgares, de todo o império – por vezes, inscritos em pedra (presumivelmente por um requerente cujo pedido foi atendido, para celebrar o feliz desfecho), por vezes, copiados em papiro, ou reunidos em austeros compêndios de determinações legais. O espantoso é como muitos dos problemas que se esperava que o imperador resolvesse eram tão locais e triviais (embora não, é claro, para as partes envolvidas).

«O caso do bacio caído» é apenas um exemplo. No século VI a. C., foi pedido ao imperador Augusto para mediar um conflituoso litígio na cidade de Cnido, na costa da atual Turquia. Durante uma desavença entre duas famílias locais, um dos protagonistas acabou morto. Ao participar numa violenta rixa à porta da casa dos rivais, foi agredido na cabeça com um bacio,

o qual foi largado do piso superior por um escravo (cuja intenção pode, ou não, ter sido despejar apenas o conteúdo). As autoridades locais estavam inclinadas a acusar os proprietários do escravo por homicídio, mas, de acordo com o texto do julgamento que nos chegou, Augusto teve diferente opinião: de que, tratando-se ou não de um acidente, a morte ocorreu em legítima defesa. Quase exatamente trezentos anos mais tarde, o imperador de então, de viagem pela região do Danúbio, foi confrontado com centenas de dilemas pessoais e litígios para resolver: desde o caso de uma mulher que queria ser indemnizada por uma vaca que alugara, mas que fora morta por uma «invasão inimiga», a um intrincado litígio que envolvia responsabilidade financeira depois da colisão de dois barcos no rio; e a queixa de um homem que demandava judicialmente por não ter recebido a tarifa que cobrava pela prostituição da sua mulher (felizmente, não o levaram a sério). Não se sabe se foi o próprio imperador a resolver estas minudências jurídicas. Por vezes, é provável que sim; por vezes, teria apenas aprovado os julgamentos realizados pelos seus colaboradores (não me parece que o jovem Heliogábalo tenha feito mais). Mas a questão é que, independentemente de quem fez o trabalho, era o imperador que *ficava* com os louros do arbítrio.

Estes casos são um eficaz antídoto contra a aterradora visão do poder imperial. Relembrem que, enquanto alguns possam ter considerado que os imperadores eram os orquestradores de um mundo distópico e assustador, outros encaravam-nos como uma solução para os seus problemas – incluindo uma vaca perdida. São também a garantia de que um livro dedicado à figura do imperador não abordará apenas homens dos escalões mais altos da elite. Longe disso. Paradoxalmente, quiçá, é através do olhar do imperador e da sua interação com os seus súbditos que podemos ver com mais nitidez e mais detalhe as pessoas de Roma e do seu império, as quais são tantas vezes invisíveis. O livro *Imperador de Roma* é dedicado aos soberanos e aos súbditos.

Textos imperiais e vestígios

Os registos das decisões dos imperadores, e a espantosa perspetiva que proporcionam para a vida normal no Império Romano (e as suas dificuldades), são apenas alguns dos textos e documentos antigos que tenciono libertar da sala de palestras e do seminário de investigação. É claro que

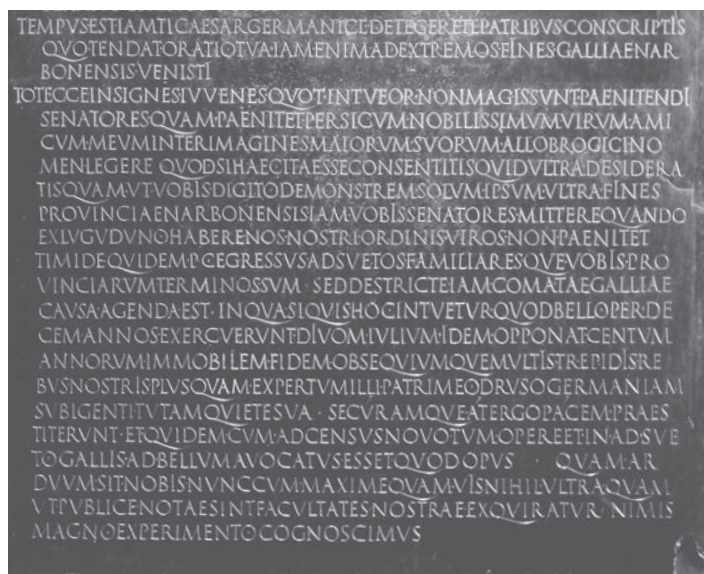
alguns clássicos mais conhecidos da literatura antiga também orientem a nossa exploração: acima de tudo, Tácito, cujo relato dos soberanos do século I d. C. nas suas obras *Anais* e *Histórias*, redigidas pouco depois no século II, nunca foi superado enquanto dissecação cínica da corrupção da autocracia; e, mais ou menos da mesma época, Suetónio, com acesso privilegiado ao palácio (trabalhou nos arquivos imperiais e no secretariado durante os reinados de Trajano e Adriano), cujas coloridas biografias dos primeiros «Doze Césares», de Júlio César a Domiciano (o imperador que trespassava moscas), foram um manual do período para historiadores ao longo dos últimos quinhentos anos. Mas também trarei para a ribalta obras mais curiosas e surpreendentes que são muito menos conhecidas, e celebrarei a riqueza do material literário que chegou às nossas mãos. O arriscado processo de copiar e recopiar, a cuidadosa preservação e, eventualmente, a impressão que passou as palavras de escritores romanos antigos da pena e do pergaminho para a atual página ou ecrã preservaram um leque de material muito mais vasto do que se possa imaginar.

Algun desse material tinha por finalidade ser cómico. Existe uma pequena coleção de piadas imperiais – por exemplo, Augusto troçava da filha Júlia por arrancar os cabelos grisalhos – e sátiras de vários tipos. Inclui-se uma sátira aos seus antecessores, da autoria do imperador Juliano, do século IV (na qual Heliogábalo tem um papel de figurante como «o rapazinho de Êmesos»); e um hilariante texto satírico, da autoria de Séneca, tutor de Nero, no qual ridiculariza toda a ideia de que o imperador Cláudio deveria ser tornado um deus depois da sua morte, em 54 d. C. (no panfleto, seguimos o velho imperador ligeiramente desconcertado a subir com dificuldade o Monte Olimpo até à casa dos «verdadeiros» deuses, para de lá ser rechaçado).

Há material que nos leva aos bastidores, de formas inesperadas. Um manual escrito por um professor de retórica grego dá conselhos sobre a melhor forma de nos dirigirmos ao imperador, em caso de necessidade. O filósofo Epicteto, que outrora fora escravo do secretário de Nero, faz observações sobre a vida na corte (incluindo uma alusão arrepiante a soldados a trabalhar como agentes infiltrados), enquanto médicos imperiais do palácio nos deixaram descrições não só das dores de garganta dos seus doentes famosos, mas também dos seus problemas gástricos e regimes medicamentosos – dois mil anos mais tarde, ainda é possível examinar os apontamentos que tiraram. É ainda possível ler uma coleção editada de relatórios do

século II d. C., enviados ao imperador em Roma por Plínio, um oficial destacado a milhares de quilómetros de distância, na costa do Mar Negro, nos quais explica todos os seus problemas, desde uns cristãos problemáticos a edifícios de banhos delapidados e gastos preocupantes num teatro construído com materiais de qualidade inferior.

Outro texto que chegou até nós é quase mais estranho do que poderíamos alguma vez imaginar. A *Vida*, de Heliogábalo, por exemplo, com os seus exageros e fantasias maravilhosamente reveladores sobre o estilo de vida do «rapazinho», é uma de um conjunto de mais de cinquenta biografias de imperadores, incluindo usurpadores, herdeiros e pretendentes, desde Adriano, em 117 d. C., a uma nulidade sanguinária que morreu em 285. Embora muitas destas «Vidas» sejam bastante curtas (nos nossos termos, seriam mais «perfis» do que «biografias»), em conjunto, preenchem várias centenas de páginas atuais e subordinam-se ao título *História Imperial* (ou *Historia Augusta*). Esta obra assevera-se como um trabalho de colaboração redigido em finais do século III por seis autores de renome: Trebellius Pollio, Flávio Vopisco, de Siracusa, entre outros. Uma análise atenta ao seu estilo e linguagem revelou



2. Parte do texto em bronze encontrado em Lyon, no século XVI, que regista o discurso de Cláudio ao Senado, instando a melhoria dos direitos políticos para os gauleses. A invulgar clareza do texto facilita bastante a perceção das palavras. A primeira linha afirma: «TEMPUS EST», «chegou o momento». Ver pp. 233-234.

que não é nada disso: a obra foi redigida por uma só pessoa (desconhecida), cerca de cem anos depois da data apontada. Como tal, é um dos maiores mistérios da literatura antiga. Porque é que alguém engendraria tal estratégia? Foi uma falsificação? Uma piada ou sátira bastante prolongada? Ou uma experiência radical em narrativa pseudo-histórica? Seja qual for a resposta, ultrapassa inequivocamente a fronteira entre a História e a ficção.

Milhares de documentos originais contribuem para a riqueza e a variedade de histórias de imperadores romanos. Algumas foram inscritas em pedra e bronze para exibição pública, outras rabiscadas em papiro, preservado na areia do Egito, e desenterradas em grandes quantidades (muitas ainda não lidas) ao longo do século passado por arqueólogos. Por exemplo, existe o texto em bronze de um discurso proferido em 48 d. C. pelo imperador Cláudio, no qual defende a concessão de um papel político mais preponderante a homens da Gália, dirigindo-se, ao mesmo tempo, ao público com uma resumida história de Roma. Também ainda é possível ler, em papiro, uma transcrição das palavras de Germânico, um príncipe imperial e pai do imperador Calígula, falando às multidões de Alexandria e afirmando, entre outras coisas, que tinha saudades da sua «avozinha» (mais conhecida por Lívía, mulher de Augusto, e com uma reputação mais assustadora do que a palavra «avozinha» sugere). Também nos foram dados vislumbres do que se passava nos bastidores: desde os epitáfios conservados de cerca de uma centena de membros do pessoal de Lívía (incluindo uma massagista, algumas costureiras, um pintor e até um lavador de janelas), até à correspondência ressentida de um oficial no Egito que estava a ter imensas dificuldades em conseguir todas as provisões necessárias para uma iminente visita imperial.

Também é possível conhecer o mundo material dos imperadores. Ainda se consegue deambular pelos seus palácios, não só no Monte Palatino (a origem da palavra «palácio»), no centro de Roma, mas também pelos seus jardins de recreação suburbanos e residências na região rural. Uma destas, a *villa* do imperador Adriano, em Tívoli, a cerca de trinta e dois quilómetros de Roma – com os seus parques, blocos de alojamento, várias salas de jantar e bibliotecas –, abrangia quase o dobro da área da ancestral Pompeia. *Villa* é um flagrante eufemismo. É mais uma cidade privada. Além disso, também é possível olhar os seus retratos nos olhos. Os que foram preservados representam apenas uma fração do número original (uma suposição razoável é que, no mundo romano, terá havido originalmente entre 25 mil e 50 mil



3 e 4. Dois sítios surpreendentes para encontrar uma imagem do imperador. À esquerda, uma cópia atual de uma antiga forma de pasteleiro (possivelmente para a confeção dos bolos que eram distribuídos em festivais religiosos), evocativa de um imperador de pé, numa biga durante o seu desfile de triunfo (p. 62), a ser coroado pela deusa Vitória. Ver também a Fig. 12. À direita, o imperador num brinco (o gancho sem dúvida a formar um arco original para que a cabeça não ficasse virada para baixo).

estátuas só do imperador Augusto). Porém, milhares destas continuam a figurar nas prateleiras dos museus. Há-as de todos os tamanhos, sortes e formas. Inclusive, alguns habitantes do Império Romano comiam bolachas decoradas com a imagem de imperadores (ou, pelo menos, é isso que nos sugerem algumas formas de pastelaria que nos chegaram). Em meados de 200 d. C., uma romana foi ainda mais longe, ao mandar fundir a cabeça do imperador Sétimo Severo, um dos antecessores imediatos de Heliogábalo, nos seus brincos de ouro.

Há, é claro, imensas perguntas sobre o mundo dos imperadores para as quais não temos resposta por falta de evidências (por exemplo, como foi esse mundo para as mulheres, ou como funcionavam pormenorizadamente as suas finanças). Porém, espero que, na globalidade, os leitores não terminem este livro com uma sensação de frustração por causa do *pouco* que se sabe sobre estes soberanos de há dois mil anos, mas espantados com o *muito* que se sabe.